

A percepção da mulher acerca da violência sofrida pelo parceiro: um estudo de revisão

Luana da Cruz Carvalho¹

Raielli Taina Manhabosco¹

Gabriele Schek²

RESUMO

As violências acometem diferentes classes sociais, raças e gêneros, porém há um número significativo de casos de violência contra as mulheres. O objetivo deste artigo é identificar, com base na literatura, a percepção da mulher acerca da violência infringida pelo parceiro. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando-se das seguintes palavras chaves: Mulher. Violência. Saúde. Os critérios de inclusão adotados foram: textos completos e acessíveis nas bases de dados descritas referentes à temática, textos de produção nacional e por fim, textos publicados nos últimos seis anos. Para a análise de dados utilizou-se a técnica de análise temática. Os resultados foram divididos em três categorias que, em seu conjunto, representam a percepção das mulheres acerca da violência infringida pelo parceiro, são elas: “Ele não era assim”: a violência velada no ambiente familiar; “Isso vai passar”: as tentativas de controlar atos violentos do parceiro e, “Eu me sinto mal”: os sentimentos vivenciados por mulheres vítimas de violência infringida pelo parceiro. Conclui-se que as vivências rotineiras de violência acarretam a saúde da vítima, a qual possivelmente necessitará de acompanhamento, de profissionais da área, para o resto de suas vidas.

Descritores: Violência; Mulher; Parceiro Íntimo.

INTRODUÇÃO

A violência é definida como o uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte ou dano psíquicos, podendo ser através de coação ou privação de liberdade (OMS, 2022).

As situações de violência perpassam diferentes grupos sociais, todavia, observa-se um aumento nas situações de violência contra as mulheres. Estima-se que ao longo da vida, uma em cada três mulheres são submetidas a violência física e sexual (OMS, 2002). Segundo dados disponibilizados pelo Departamento de Gestão da Tecnologia da Informação, do Estado do Rio Grande do Sul, até junho de 2023 já são 8.876 notificações de violência contra a mulher no estado, sendo 1.480 violência sexual. No ano de 2022 foram 26.382 notificações, destas, 19.664 foram sofridas por pessoas do sexo feminino. Os tipos de violência que mais foram sofridas, neste último ano, são físicas (6.532), sexual (3.208), moral (2.620), além destes, contém 300 suicídios e 6.112 lesões autoprovocadas (RIO GRANDE DO SUL, 2023).

¹ Acadêmica de Enfermagem. Fundação Educacional Machado de Assis. E-mail: carvalholuana727@gmail.com

¹ Acadêmica de Enfermagem. Fundação Educacional Machado de Assis. E-mail: raimanhabosco3@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Fundação Educacional Machado de Assis. E-mail: gabriele@fema.com.br

Diante disso, a violência contra a mulher é considerada problema de saúde pública visto as repercussões da problemática sobre a vida das vítimas, resultando em danos ou sofrimento físico, sexual ou psicológico.

Nesta perspectiva, é fundamental discutir acerca das tipologias de violência a que as mulheres podem ser submetidas. Entre os tipos temos a violência física caracterizada como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal, ou seja, tem-se como objetivo ferir, provocar dor e sofrimento; violência psicológica, entendida como qualquer conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima, degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões mediante ameaça, constrangimento, humilhação ou manipulação; violência sexual, qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, através da intimidação, ameaça, uso da força ou coação, induza a comercializar ou utilizar, de qualquer forma, sua sexualidade, que impeça de usar qualquer tipo de método contraceptivo; violência patrimonial, quaisquer condutas que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, documentos, bens, valores e direitos ou recursos econômicos; e violência moral entendida como qualquer ato que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

As situações de violência normalmente iniciam com agressões verbais, patrimoniais e morais, as quais por muitas vezes passam despercebidas pela vítima, e passando posteriormente para as agressões físicas. Tais ações são uma pequena parte de um ciclo em que a mulher vivencia, que devido a não percepção ou a falta de coragem, podem acabar se transformando em um cenário letal, ou seja, o feminicídio, o qual raramente ocorre de forma isolada (SILVA; LOPES, 2021).

Os homicídios praticados contra mulheres, são diferentes dos homicídios praticados contra homens, ocorrem em ambiente doméstico geralmente com parceiros ou ex-parceiros, onde muitas vezes a vítima já vinha sofrendo calada a violência, que, lamentavelmente, cessa-se com a sua morte (MESSIAS, *et al.*, 2020).

Grande parte das mulheres vítimas de violência são acompanhadas de sentimento de culpa, medo e vergonha. Nesta perspectiva, as vítimas necessitam encontrar na rede de atenção à saúde um ponto de acolhimento, com profissionais capacitados para atendê-las pautando-se na ética, no respeito e no atendimento humanizado (BRASIL, 2012; LIMA, 2014).

Para que as mulheres vítimas de violência possam receber um atendimento convergente com suas necessidades e que ações protetivas possam ser desenvolvidas, é necessário que os profissionais de saúde compreendam o entendimento das mulheres acerca das diversas modalidades de violência que representam um risco para a sua saúde e bem estar.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo identificar, com base na literatura, a percepção da mulher acerca da violência infringida pelo parceiro.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que buscou identificar na literatura a percepção da mulher acerca da violência sofrida pelo parceiro. Para alcançar o objetivo proposto este estudo foi conduzido a partir das seguintes etapas: 1) formulação da questão norteadora; 2) busca na literatura dos estudos referentes ao tema proposto; 3) categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos selecionados; 5) discussão e interpretação dos resultados; e 6) síntese do conhecimento. A busca dos artigos foi realizada nos meses de março a agosto de 2023 nas bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando-se das seguintes palavras chaves: Mulher. Violência. Saúde.

Os critérios de inclusão adotados foram: textos completos e acessíveis nas bases de dados descritas referentes à temática, textos de produção nacional e por fim, textos publicados nos últimos seis anos. Após a realização da estratégia de busca, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, aplicando os critérios de seleção supracitados acima. Foram excluídos os artigos duplicados entre as bases de dados e na mesma base de dados. Ao final da leitura, sete artigos foram elegíveis, sendo estes lidos na íntegra e dos quais foram extraídas informações através de aplicação de um instrumento, contendo: Título do artigo; Nome do periódico onde o artigo foi publicado; Ano de publicação; Tipo de estudo e Objetivo do estudo.

Em seguida procedeu-se a análise temática do material que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença significa alguma coisa para o objeto estudado. Para realização da análise temática foram seguidas três etapas: a primeira etapa foi constituída de uma pré-análise para a escolha dos dados que foram analisados e a retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, elaborando dessa forma alguns indicadores que orientaram a compreensão do material e na interpretação final; na segunda etapa ocorreu a exploração dos dados em uma operação classificatória, visando alcançar o núcleo de compreensão dos textos. Nesta fase buscou-se encontrar núcleos temáticos que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Por fim, na última etapa, as informações foram colocadas em relevo, possibilitando as pesquisadoras propor inferências e realizar interpretações (MINAYO, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1 - Síntese informativa dos artigos selecionados para o estudo.

Título do Artigo	Periódico	Ano	Tipo de Estudo	Objetivo do Estudo
Permanência de Mulheres em Relacionamentos Violentos: desvelando o cotidiano conjugal	Cogitare Enfermagem	2022	Qualitativo	Desvelar a permanência de mulheres em um cotidiano conjugal violento
Violência íntima: experiências de mulheres na Atenção Primária à Saúde no Rio de Janeiro, RJ, Brasil	Interface	2020	Qualitativo	Compreender a experiência dessas mulheres no contexto do cuidado ofertado na APS na cidade do Rio de Janeiro, de estado homônimo, Brasil.
Sentimentos e estratégias de enfrentamento em mulheres vítimas de violência sexual	Revista Interdisciplinar	2018	Qualitativo	Analisar sentimentos e estratégias de enfrentamento em mulheres vítimas de violência sexual.
La violencia del amor romántico en la narrativa de dos mujeres mexicanas	Psicol. Soc	2019	Qualitativo	Conhecer a relação entre amor romântico e violência, na narrativa de mulheres que estão ao cuidado de seus filhos sem a presença física do pai, na perspectiva do construcionismo social e do gênero
Violência conjugal: discursos de mulheres e homens envolvidos em processo criminal	Esc Anna Nery	2018	Qualitativo	Analisar o discurso de mulheres e homens em processo criminal sobre a vivência de violência conjugal.
Compreender as representações sociais da violência contra mulheres rurais, na perspectiva de idosas, considerando geração e gênero como influência nesse agravo	Rev. Gaúcha Enferm	2017	Qualitativo	Compreender as representações sociais da violência contra mulheres rurais, na perspectiva de idosas, considerando geração e gênero como influência nesse agravo.
Violência doméstica contra a mulher: relato de mulheres atendidas na atenção básica nas zonas leste e centro-sul na cidade de Manaus	Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR	2023	Quantitativo	Descrever os casos de violência doméstica contra mulheres usuárias de serviços de saúde na Atenção Primária nas Zonas Leste e Centro-Sul de Manaus

Da análise dos artigos, foram construídas três categorias que em seu conjunto representam a percepção das mulheres acerca da violência infringida pelo parceiro.

“Ele não era assim:” a violência velada no ambiente familiar

Estudo realizado com 40 mulheres cadastradas em duas unidades básicas de saúde na cidade Manaus apontou que 87% foram vítimas de violência psicológica e 85% delas sofreram

violência moral (SILVA *et al*; 2023). Estas duas modalidades de violência são, muitas vezes, difíceis de serem percebidas pelas vítimas, xingamentos e humilhações passam a ser consideradas como algo natural nos relacionamentos, tornando parte do cotidiano familiar.

Estudo realizado com mulheres mexicanas identificou a presença de traições e humilhações vivenciadas por mulheres. Homens que passam a exigir mudanças de comportamento por parte de suas parceiras, além da saída do mercado de trabalho para cumprir com o papel esperado de esposa (CORONADO; 2019).

Ressalta-se que, a violência conjugal, por muito tempo, foi vista como um problema apenas do casal, “em que briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.” Por ser caracterizada por agressões e xingamentos acontecidos em ambiente doméstico, muitos destes acontecimentos se escondem atrás das cortinas da vida privada. Todavia, nos dias atuais, a violência é considerada uma questão social e de saúde pública, em que os profissionais de saúde necessitam cada vez mais estarem mais capacitados para auxiliar as mulheres a romper com o ciclo de agressões e abusos que comprometem um viver saudável (LAMOGLIA; MINAYO, 2009; OLIVEIRA; SOUZA, 2006).

A maior parte das violências contra as mulheres, ocasionadas pelos companheiros, tem por motivo o machismo, sendo constituído um sentimento e um poder de posse do homem sobre as mulheres. As modalidades de violências conjugal mais comuns encontradas nos boletins de ocorrência junto as delegacias são a violência física, a psicológica e a violência moral. (LAMOGLIA; MINAYO, 2009). Mesmo sendo prevalente em muitos lares, as agressões físicas nem sempre são percebidas pelas mulheres como uma forma de violência, compreendendo muitas vezes como uma maneira de se relacionar com o parceiro.

Autores discutem que muitas mulheres só procuram atendimento de saúde ou ajuda policial somente quando há um esgotamento emocional ou quando a violência exceda o seu limite mental e deixa ferimentos e lesões que comprometem as suas atividades diárias (MASCARENHAS *et al.*, 2020). Outro aspecto importante é a dificuldade que muitas mulheres possui em se reconhecer como vítimas. Quando se trata de violência psicológica, muitas mulheres vítimas desta modalidade de violência buscam os serviços de saúde com queixas de síndrome do pânico, depressão, ansiedade, ideações e tentativas suicidas que passam a ser despercebidas como problemas decorrentes da violência conjugal sofrida (MASCARENHAS *et al.*, 2020).

Outro aspecto importante abordado no estudo de Gomes *et al* (2022) são as mudanças, muitas vezes sutis de comportamento percebidas pelas mulheres com relação ao parceiro. Para as mulheres entrevistadas neste estudo, o parceiro começa a instituir no ambiente familiar

pequenas privações, como por exemplo, a proibição de falar com familiar. Tal ação passa a ser compreendida como demonstrações de ciúmes e que fazem parte de todo o relacionamento.

Nesta perspectiva, Hirt *et al* (2017) destaca que no contexto rural, atos de violência são frequentemente despercebidos pelas mulheres, tendo em vista a representação social da família, ou seja, o poder e a autoridade do homem como provedor e chefe da casa, colocando a mulher em um papel de subordinação, obediência e serviço. Estudo que objetivou analisar o discurso de mulheres e homens em processo criminal sobre a vivência de violência conjugal, corrobora com a ideia da mulher como um ser subordinado ao homem, que tem por obrigação realizar as tarefas domésticas e que o seu descumprimento, pode ser um gatilho para a agressões nas formas psicológica, moral, patrimonial, sexual e física. (SOUSA *et al.*, 2018).

O estudo supracitado ainda coloca em evidência que, o pedido de socorro para as situações de violência contra a mulher se apresenta apenas quando a violência infringida na vítima é a física. Outras formas de violência parecem ser suportadas com mais frequência no ambiente familiar (SOUSA *et al.*, 2018).

Os profissionais de saúde têm o papel de auxiliar as mulheres vítimas de violência a identificar outras formas de violência além das agressões físicas. Além disso, ao se deparar com casos suspeitos ou confirmados, os profissionais de saúde devem acolher a vítima, fazendo uma escuta qualificada e buscando estabelecer vínculos e orientando sobre os serviços de apoio e acompanhamento. A notificação também deve ser uma ação realizada pelos profissionais de saúde (BRASIL, 2018; MANSUIDO, 2020).

***“Isso vai passar”*: as tentativas de controlar atos violentos do parceiro**

Um dos artigos analisados descreve como muitas mulheres, mesmo sendo vítimas de violência, tentam de muitas formas fazer com que os atos violentos produzidos pelo parceiro cessem. Mesmo diante de ameaças, agressões verbais e físicas e na tentativa de não abdicar de um casamento, muitas mulheres acabavam assumindo todas as responsabilidades relativas ao lar e também ao sustento da família, na tentativa de que possa haver mudanças no comportamento agressivo do parceiro. (GOMES *et al.*,2022) O mesmo estudo ainda destaca que, por alguns períodos, o comportamento agressivo do parceiro pode cessar, todavia, a relação conjugal sem violência era incapaz de se fortalecer.

Uma cartilha publicada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos em 2020 descreve os diferentes motivos pelos quais as vítimas continuam no relacionamento agressivo. Dentre eles estão o medo de ameaças de morte, agressões que passam a se

intensificar, a dependência financeira pelo marido, medo de seus filhos culpá-la pela separação, vergonha de expor as situações de violência.

O ciclo da violência é composto por três fases, a primeira chamada de fase da tensão, momento em que começam os insultos, ameaças, xingamentos; a segunda fase é agressão, aquela em que o agressor perde o controle e ocorrem as agressões físicas e a sexuais; a terceira fase é a chamada fase da lua de mel, quando o agressor pede perdão, demonstra arrependimento e promete mudança de comportamento, agindo gentilmente e carinhosamente por alguns dias, até começar novamente o ciclo. Esta última fase normalmente é a responsável pela esperança, da vítima, em uma nova vida com seu parceiro. (BRASIL, 2021)

Gomes *et al* (2022) ainda discute que são frequentes os pedidos de desculpa e promessas de mudanças, todavia, incapazes de se concretizar. Este resultado corrobora com a publicação de Coronado (2019) o qual aponta que mulheres vítimas de violência infringida pelo parceiro tendem a mostra-se esperançosas com relação às mudanças de comportamento do companheiro.

No processo de interação no ambiente doméstico, os homens, ainda na infância, apreendem símbolos e significados inerentes à dinâmica familiar, ao redor dos quais, significam os papéis sociais que homens e mulheres deverão assumir ao longo da vida. Um destes significados remete aos atributos, bem definidos, que delimita os espaços de atuação entre os gêneros, de modo a naturalizar a divisão social na esfera pública, destinada aos homens, e no doméstico, inerente às mulheres. (MAGALHÃES *et al.*, 2021)

Importante ressaltar que os significados abstraídos da vivência de homens que, na infância presenciaram relações familiares violentas, acabam por contribuir para a naturalização do poder masculino, trazendo uma bagagem desde a infância, naturalizando tais situações perpetuadas na violência. A fim de transformar essa realidade é de suma importância que profissionais de saúde realizem um trabalho desde a infância, evitando assim a perpetuação de um ciclo de violência (MAGALHÃES *et al.*, 2021).

A naturalização da autoridade masculina, reforçada pelo ideal de que a mulher deve ser submissa ao homem e de que este detém o direito de controlá-la, também é desvelada e remete ao controle do convívio social. Os homens percebem, ainda quando crianças, que um dos motivos dos conflitos conjugais entre os pais remetia a privação da liberdade das mulheres, em especial quanto ao direito de ir e vir. A partir destas experiências na infância, reproduzem quando adultos comportamentos semelhantes ou até mais autoritários. (MAGALHÃES *et al.*, 2021).

“Eu me sinto mal”: os sentimentos vivenciados por mulheres vítimas de violência infringida pelo parceiro

Estudo realizado com mulheres vítimas de violência sexual aponta que os sentimentos mais frequentes frente a essas situações é o medo, vergonha, tristeza e constrangimento, além de explicitarem o dano à autoimagem e psicológico (GOMES *et al.*, 2018). O sentimento de medo está frequentemente associado a denúncia e uma possível retaliação por parte do parceiro, uma vez que, muitos já possuem passagem pela polícia. A vergonha e o constrangimento estão relacionados ao julgamento social frequentemente presente na vida de mulheres vítimas de violência (ESPERANDIO *et al.*, 2020).

A violência contra a mulher é de tal magnitude que se postula, internacionalmente, como problemática da Saúde Pública. A perpetuação de tal violência doméstica apesar dos avanços institucionais, políticos e jurídicos dá-se por dificuldades relacionadas à ineficácia de promoção e prevenção de saúde exercidas pelas unidades públicas. (BILLAND; PAIVA, 2017)

A saúde da mulher em situação de violência, seja ela de qualquer modalidade, acaba sendo prejudicada, independente da sua idade e condição social. As sequelas aparecem tanto fisicamente quanto psicologicamente, afetando até mesmo seus afazeres diários. (CRUZ; IRFFI, 2019). Os agravos na saúde das vítimas pode acarretar prejuízos a curto, médio e longo prazo. Dentre os danos ocasionados pelas situações de violência estão o alcoolismo, medo de sair de casa, medo de se relacionar, estresse, depressão, ideações suicidas, crises nervosas, timidez, perda de apetite, náuseas, dores em todo o corpo, hipertensão e até mesmo irregularidades menstruais. (SILVA *et al.*, 2015)

Outro aspecto a ser discutido, faz referência ao sentimento de solidão vivenciado pelas mulheres em situação de violência. Muitas não encontram um espaço de acolhimento nos serviços de saúde para poderem revelar a violência sofrida (ESPERANDIO *et al.*, 2020). Assim, desde os anos 1980, a violência contra a mulher é tema de políticas públicas voltadas tanto para seu enfrentamento, quanto para a assistência às vítimas nas esferas de saúde, social e jurídica. Esses setores deveriam atuar em rede, constituindo política e programa assistencial comuns, e não apenas como justaposição de ações autônomas entre si, ainda que complementares, situação concebida como uma trama de serviços. O trabalho em rede, então, passa a assumir um papel central, constituindo-se como rede de enfrentamento à violência e também de atendimento às mulheres em situação de violência (D’OLIVEIRA; SCHRAIBER, 2013).

CONCLUSÃO

Atualmente os casos notificados de violência contra a mulher vem em grande crescente, especialmente casos do tipo conjugal, ou seja, aqueles que são perpetrados por companheiros. Algumas modalidades de violência não são identificados ou são consideradas situações normais e corriqueiras na vida conjugal, como por exemplo, as violências psicológicas, patrimoniais e morais.

Observa-se que grande maioria dos agressores, quando crianças vivenciaram situações de violência em suas casas, sendo replicada em sua fase adulta. Porém, muitas mulheres acreditam que o agressor não repetirá o ato, acreditam que foi uma situação passageira que não voltará a acontecer. Devido a isto, consentem em não buscar atendimento e nem realizar ocorrências na delegacia.

As vivências rotineiras de violências acarretam prejuízos à saúde da vítima, tanto física como emocional, acarretando problemas como ideações suicidas, depressão, ansiedade, pânico e medo de se relacionar com outras pessoas. Diante destes aspectos, os profissionais da saúde têm papel fundamental nos casos de violência à saúde da mulher, pois são eles que irá acolher, atender e apoiar as mulheres vitimadas pelas violências.

REFERÊNCIAS

BILLAND, J; PAIVA, V. S. F. Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/nB7rdSM5H69JtBRz7NkjG6N/abstract/?lang=pt>>.

BRASIL. **Ciclo da violência doméstica: como romper a violência contra as mulheres. Plataforma da Mulher Segura**. Publicado em: 2021. Disponível em: <<https://www.mulhersegura.org/direitos-das-mulheres/videos/ciclo-da-violencia-domestica>>.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. **Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento à demanda espontânea: queixas mais comuns na Atenção Básica**. Cadernos de Atenção Básica nº 28, volume III. Departamento de Atenção Básica - Brasília - DF: Ministério da Saúde, p. 237-244, 2012.

BRASIL. **Violência contra as mulheres: O que podem fazer os profissionais de saúde?**. Fundação Oswaldo Cruz. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/violencia-contra-as-mulheres-o-que-podem-fazer-os-profissionais-de-saude/>>.

CORONADO, L. N. K. La violència del amor romântico em la narrativa de dos mujeres mexicanas. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Prx6jpHQjwnTtjQwpC5s9K/?lang=es#>>.

CRUZ, M. S; IRFFI, G. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 7, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/P5Yk5rFN8vW8zbh3Gk8bpd/?lang=pt>>.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L; SCHRAIBER, L. B. Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção. **Revista da Universidade de São Paulo**, v. 92, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/79953>>.

ESPERANDIO, E.G; MOURA, A.T. M. S. de; FAVORETO, C. A. O. Violência íntima: experiências de mulheres na Atenção Primária à Saúde no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Interface, v. 24, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/icse/a/PML7zQ6KS6JPZ5qqBPmXMtM/?lang=pt#>>.

GOMES, N. P *et al.* Permanência de Mulheres em Relacionamentos Violentos: desvelando o cotidiano conjugal. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cenf/a/T7QLLxBtg7n4Lc6SnJYhsTP/#>>.

HIRT, M C *et al.* Representações sociais da violência contra mulheres rurais para um grupo de idosas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rngenf/a/Tz3YkZnVJSYzKV5P99xvSVh/#>>.

LAMOGLIA, C. V. A; MINAYO, M. C. de S. Violência conjugal, um problema de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/gp49Km59XNV5XCVzYygmd6S/abstract/?lang=pt>>.

LIMA, F. **Violência contra a mulher: uma análise sobre a perspectiva dos profissionais da secretaria da mulher, cidadania e direitos humanos do município de Pacatuba**. 2014.

72p. Monografia (Bacharelado em Serviço Social). Faculdade Cearense (FaC) - Fortaleza - CE, 2014. Disponível em:

<https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/VIOLENCIA%20CONTRA%20A%20MULHER%20UMA%20ANALISE%20SOBRE%20A%20PERSPECTIVA%20DOS%20PROFISSIONAIS.pdf>>.

MAGALHÃES, J. R. F de *et al.* Significados da dinâmica familiar por homens que

reproduziram a violência doméstica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/Hn4VZybGXvqhvmzMB4HdvjqN/#>>.

MANSUIDO, M. **Como profissionais de saúde podem identificar e ajudar mulheres vítimas de violência**. Câmara Municipal de São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/como-profissionais-de-saude-podem-identificar-e-ajudar-mulheres-vitimas-de-violencia/>>.

MASCARENHAS, M. D. M *et al.* Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/vngYfCPbvZZD5nLtBtYxQ3p/>>.

MESSIAS, E; CARMO, V; ALMEIDA, V. Femicídio: Sob a perspectiva da dignidade da pessoa humana. Florianópolis - SC: **Revista Estudos Feministas**, vol. 28, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/K95hX8jm3t5jtKLLfXXMvKL/?lang=pt#>>.

MINAYO, M. C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** / Maria Cecília de Souza Minayo. - São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, D. C de; SOUZA, L. Gênero e Violência Conjugal: concepções de psicólogos. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 2, 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11025/8728>>.

RIO GRANDE DO SUL. Portal BI Saúde. Gestão Municipal. 2023. Disponível em: <<http://bipublico.saude.rs.gov.br/index.htm>>.

SILVA, D. E. S *et al.* Violência Doméstica contra a Mulher: relato de mulheres atendidas na atenção básica nas zonas leste e centro-sul na cidade de Manaus. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, 2023. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1443057>>.

SILVA, J.B; LOPES, M. L. S. A violência doméstica como fator gerador para o feminicídio. Centro Universitário Una de Contagem – Minas Gerais, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/13386>>.

SILVA, S.A *et al.* Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 25, n. 2, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-12822015000200008&script=sci_arttext&tlng=pt>.

SOUZA, A.R *et al.* Violência conjugal: discursos de mulheres e homens envolvidos em processo criminal. **Esc. Anna Nery**, v. 22, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/8VFp5db8mBWFt9vJcwg38VM/?lang=pt&format=pdf> >.

World Health Organization (WHO). **World report on violence and health**. Geneva: WHO; 2022.